O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

ANO 40.º — **N.º 1988**

Sábado, 19 de Abril de 1947

VISADO PELA CENSURA

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Bavas*

Coisas dos jornais e coisas locais

A URBE E A URBANIZAÇÃO

pelo Dr. Alberto Souto

Isto é um pouco extenso, mas te nham paciência, tem de ser mesmo assim.

Uma pessoa de outra idade, conversando, há dias, comigo, sobre estas *coisas*, dizia-me, ingenuamente : — *que palavrões que eles arranjaram para nos consumir! Dantes não havia tais palavras e vivia-se mais descansado!...*

Evidentemente o velho aveirense que assim desabafava comigo, encontrava-se muito fóra da época que atravessâmos e do conhecimento necessário para a compreender, mas o dito pitoresco do simpático conterrâneo avisou-me da conveniência de dar alguns esclarecimentos que, den tro das minhas modestas possibilidades, aqui proporciono.

O termo *urbanização* é relativamente moderno e não se encontra nos dicionários clássicos como vários que tenho ao lado.

Mas significa a acção de *urbanizar*, verbo este que variou do seu primitivo sentido moral para um sentido realístico.

Queria dizer antigamente *tornar cortez e civizado quem o não era ou aquilo que o não era*, e passou a exprimir a realização das formas materiais de uma cidade ou aglomerado populacional sob certas fórmulas que hoje se consideram como as mais próprias da civilização actual na sua aplicação aos meios locais ou, seja, de acordo com a moda, agora, das novas cidades.

Provém de *urbe*, e urbe deriva do latim *urbs* que designava a *cidade* no seu aspecto simultaneamente material e social, físico e humano.

Viterbo diz que *urbe* era a cidade acastelada. Cicero, o grande orador, chamava assim a Roma como cidade metropolitana; imperial, diriamos.

A palavra *cidade*, muito usual e corrente, e que, no português que nós falamos, tanto quere dizer o solo e os edifícios que nele são habitados por um agregado importante de cidadãos, como o próprio conjunto de cidadãos com suas leis, usos e costumes, magistraturas e instituições, deriva tambem do latim, mas de *civitas* que, na linguagem posterior à ocupação romana da Peninsula e no falar dos primórdios da grei portuguesa, deu as formas *cividade* e *cidade*.

O vocábulo *cividade* cohesistiu com outro semelhante, mas etimológicamente diverso e bárbaro—*citania*.

No Porto ainda há, perto da Sé, o largo da *Cividade* que perdurando no velho burgo medieval, chegou até nós. Ao norte do Douro encontram-se, nos montes, as ruinas de muitas *citanias*. Também as há ao sul daquele rio e no nosso distrito. Eram recintos fortificados toscamente, talvez mais importantes que os simples *castros*. Eram como miseráveis aldeias dos nossos dias, mas cidadecas dos tempos ante-romanos e romanos onde os nativos, nossos remotos avoengos, viviam pobremente, numa grande rudeza.

A *civitas*, porém, correspondia, de alguma forma, ao concelho, isto é, a uma república minúscula, a um conjunto etnico, político e administrativo com seu lugar chefe e lugarejos subordinados.

Já agora, para dar uma rápida ideia desta evolução, direi que a vila moderna, no sentido de pequena cidade que é, ou de agrupamento urbano de segunda ordem e sede de concelho, representa uma criação dos tempos portugueses propriamente ditos. Aveiro foi vila até D. José. Avisinhava com outras vilas como Esgueira, Arada, Eixo, Ilhavo, Soza.

A *vila*, assim considerada, porém, só nominalmente deriva da vila dos tempos romanos. A *vila* romana não tinha nenhumas características urbanas; consistia numa simples propriedade agrícola, mais ou menos extensa, com habitações rústicas para o seu pessoal.

Fragmentada deu as *quintanas*, as *quintas*, os *vilares*.

Como arremêdo desta vila romana é que se chamam *vilas* as casas isoladas, de certa pretensão arquitectónica, mas de aspecto campestre e servindo de residência familiar. São totalmente destoantes no seio das cidades.

Vê-se, pois, que foi a *urbe* latina que gerou esta série de palavras muito em voga—*urbanizar, urbanista, urbanização* que, pelos vistos, estão enchendo de terror e angustia meio Portugal.

O pavôr é tanto que muita gente já deseja fazer seguros contra os perigos da urbanização!

* * *

Pelo meu, já exposto, conceito de urbanização, urbanizar nem é o *bota-abaixo* geral, nem é implantar uma urbe nova numa antiga urbe, nem enfiar um figurino de cidade futurista nas formas que uma cidade de outro tempo tomou, por vezes bem penosamente, atravez dos séculos ou dos lustros dos últimos cem anos.

E' submeter o que está, e que é clássico ou tem valor económico ou é ainda aproveitável, a um certo critério de melhoramento e adaptação, e é projectar a expansão da urbe, desenhando novos bairros, ou como que uma nova cidade, nos terrenos agrícolas, vagos ou ainda não aproveitados por construções próprias de uma cidade, terrenos esses que se podem encontrar intercalados nos bairros da mesma cidade ou se encontram sempre no arrabalde.

E' o que teem feito numerosas cidades de Portugal e do estrangeiro que eu já visitei ou de que possuo as plantas.

E' o caso de Coimbra anterior às obras da cidade universitária. E' o caso de Lisboa, depois de Rosa Araujo. Foi o critério do próprio Duarte Pacheco que, aos lados e para além das novas avenidas, traçou, nas *Hortas*, novos bairros, e modernissimos e belissimos, aproveitando as zonas intervalares e periféricas e estabelecendo amplas comunicações para o exterior, mas deixando intacta a velha Lisboa. E' o que fizeram Madrid, Paris, Bruxelas, Zurique, das grandes cidades que eu conheço.

Desta forma procede-se à verdadeira urbanização de um terreno ou território que ainda não está urbanizado.

Da aldeia ou do campo faz-se cidade. Transforma-se em urbe o que não é urbe.

Aplicando a doutrina a Aveiro, verifica-se preleminarmente que Aveiro é uma cidade pequena espalhada pelos campos de uma grande aldeia. Tem dois núcleos de concentração e uma área enorme muito mal aproveitada como cidade. Conta 12.000 habitantes. Dispõe de espaço, sem grandes apertões, para mais de 120.000.

Dos 130 hectares de terreno que se podem calcular dentro do vasto perimetro oficialmente designado por *cidade*, dificilmente se conseguem obter 50 hectares de área habitacional e de área social, isto é, que estejam cobertos de construções mais ou menos aceitáveis como construções próprias de uma cidade modesta ou de uma vilória regular, e com os arruamentos inherentes.

Nada menos de 80 hectares, são terras lavradias, são propriedades rústicas, a milho, trigo, pasto; são granjas agrícolas a couves e batatais; são quintais de dimensões exageradas, são congostas e vielas, são aterros e são chavascais com juncos e canizias.

Mas na freguesia da Glória, na parte da cidade onde foi a vila muralhada, e onde poderiamos dizer que se encontra a nossa Acropole, das Pontes à Fonte Nova, da Fonte Nova às Olarias, das Olarias a S. Martinho, de S. Martinho a Cimo de Vila, de Cimo de Vila a Santo António, Jardim, Santos Mártires, Ponte da Dobadoura, Pontes, os muros, extensíssimos e feíssimos muros, orlam grande percentagem de arruamentos e são a nota tristemente impressionante do deserto de casas de aspecto citadino que é a maior parte desta zona da cidade onde se encontrava o mais antigo e fidalgo bairro de Aveiro.

Noutro tempo tomavam-lhe o espaço as cêrcas, e as cêrcas eram priveligiadas.

Eram as cêrcas dos conventos de frades e freiras, de S. Domingos, de Jesus, das Carmelitas, de S. Bernardino, intra-muros. Era a cêrca de Santo António, extra-muros. Eram as cêrcas dos fidalgos. A própria vila era uma cêrca. Tudo cêrcas e o espaço livre da vila, reduzido à estreita e turtuosa Rua Direita, a um bocadito de Corredoura, de Ribeira e de Alboi. Olarias e S. Miguel, ou Espírito Santo, eram extra muros. Aveiro não poude com semelhante carcassa. Abafava metida entre muralhas e entalada entre tanto cercado e levantou, na margem norte do esteiro de S. João e do Côjo, a Vila-Nova. Muitos fidalgos e afidalgados, burgueses e populares construiram por aí as suas casas e a vila estendeu-se para o norte, formando as duas freguesias de *Lá de Baixo*, mais tarde reduzidas a uma só, e indo pela actual rua do Gravito até ao Convento do Carmo e até ao Convento da Madre-Deus, ficando os marnoteiros e pescadores acocoradinhos nos seus tugurios, muito esmerados, aliás, na praia, e sua confraria na Senhora da Alegria, de Sá. Os mercadores e burgueses fizeram os Balcões, Alfêna, S. Gonçalinho, S. Gonçalo e Vera-Cruz. Os negociantes de Inglaterra, da França e da Flandres que tinha, cá os seus consules, e a população que vivia do seu comércio, fixaram-se na Arrochela e no Alboi.

E tôda a vila, intra e extra-muros, se encheu de pequenos palácios e casas de sólida e nobre feitura nos séculos XVII e XVIII, de que se notam ainda honrosos vestígios, bem dignos de serem conservados e que tanto impressionaram o grande historiador de Arte que foi Vergílio Correia.

Houve calamidades, porém. A barra entopiu e fugiu para o sul.

As febres afugentaram uns, mataram outros e definharam os restantes.

A *cólera morbus* juntou-se às sezões, e a doença e a miséria gelaram o sangue do corpo do povinho que não poude fugir e permaneceu agarrado a isto, e paralisou o nervo da vida que é—o dinheiro!

Aveiro conheceu a miséria. O bispado, a fábrica de sedas, o título de cidade que o Marquêz de Pombal concede, não restituem o viço perdido à antiga *nóbre e notável vila de Aveiro*, agora elevada de categoria.

Aveiro decae sempre até ao fim das guerras liberais.

Abrira-se, contudo, a barra no sítio actual. Veio o distrito. Veio o Código Administrativo. Aveiro tornou-se uma capitalsinha de um distrito importante.

E' a época de José Estêvão. E' a grande hora do século XIX. O sal, o pescado, o navêgo voltaram. O liceu, as escolas, a industria incipiente, as estradas e o caminho de ferro, o asilo, a acção camarária, a influência de homens de grande valor, a Associação Comercial, a vida de sociedade, os colégios, o aparecimento das associações populares de assistência, cultura e recreio, a aula de desenho de Silva Rocha, os jornais, tudo isso imprime, finalmente, à cidade a forma e a disposição materiais e a maneira, a economia e o espírito que nós lhe conhecemos há cincoenta anos.

Tinham-se apeado as muralhas e a igreja de S. Miguel, tinha-se aberto a Praça Municipal. Construiram-se os cais, o Liceu e a estrada da Barra.

Aveiro ligou-se pelas estradas e pelo caminho de ferro ao rêsto do País; pedinchou-se pelo distrito e por Portugal fóra e acabou-se o Teatro. Da alameda de Santo António, o muito discutido, mas muito grande presidente Manuel Firmino de Almeida Maia fez o jardim e o passeio público; aterrou-se a marinha do Rocio, construiu-se o Quartel, abriu-se a rua da Estação, modificou-se, sucessivamente (um pouco bem e um pouco mal) o vale do Côjo que era inundado pelas marés; montaram-se um bom Mercado geral e um privativo do pescado, e Aveiro apresentou-se como cidadesinha pobre, mos digna da transição do século XIX para o século XX, época em que, áparte Lisboa e Porto e um pouco Coimbra e Braga, todas as outras cidades eram modestas em Portugal.

Desde 1900, Gustavo Pinto Basto deu à cidade um novo impulso. Abriu nas cêrcas de altos muros (que tomavam o espaço entre o Largo da Cadeia, o Terreiro, a rua do Passeio e a Rua Direita) aquela rua que tem o seu nome, e do largosito do Terreiro, onde a tropa dava as descargas da procissão do Corpo de Deus e entre as Carmelitas e o edifício do Govêrno Civil, que substituira o palácio incendiado do Visconde de Almeidinha, fez aquilo que se chama —a *Praça Marquêz de Pombal* e que o povo conhece e designa por avenida do Govêrno Civil.

Que lutas isso ocasionou, santo Deus!

Lembro-me bem delas e ainda, ao sair do seminário, escrevi a favor e em louvor de Gustavo Pinto Basto, no *Progresso de Aveiro*, um dos meus primeiros artigos.

Correram rios de tinta. Mas Gustavo teimou e levou a sua ávante, arejando a freguesia *cá de cima* e transformando em *cidade* aquilo que, enquistado no meio da cidade, não era cidade, mas apenas um bocado de soturna e bisonha aldeola.

O *Recreio Artistico* e a associação de classe dos Construtores Civis, deram a Gustavo o apoio popular, aclamando-o em várias manifestações públicas de verdadeiro civismo.

Pena foi, somente, e em verdade, que Gustavo Pinto Basto não tivesse poupado a quadra, de certo valor arquitectónico, do Convento das Carmelitas, que fôra um bom edifício do Ducado de Aveiro, e que da sua obra resultassem, em vez de *prédios de cidade* a encher as faces das novas avenêtas, os escandalosos muros que ainda, em grande parte, lá se manteem, troçando dos sacrifícios de todo o concelho, porque é o concelho, afinal, quem paga estes muito caros desperdicios do espaço da cidade!

* * *

Houve uns anos de Camaras de boas intenções administrativas, mas de *nem lá vou nem faço mingua*, e surgiu Lourenço Peixinho, com o defeitosinho do seu personalismo, mas com todas as grandes e raras virtudes cívicas e altas qualidades de um varão ilustre em qualquer povo e em qualquer época e, muito mais, no nosso meio, onde o *badalo* abunda e as obras escasseiam. Era egocentrista, mas era—um Homem.

Nós deixavamo-lo fazer, porque, se êle não fazia, ninguem fazia nada, e fartos de anos perdidos sem honra nem proveito, andavamos todos.

Melo Freitas não gostava dele e foi o primeiro a descobri-lo.

—E' novo, forte, mexido; tem categoria, dispõe de meios que lhe permitem dedicar-se à Câmara sem ficar na miséria, e é um bom cagareu!... dizia-me o mestre venerando no seu gabinete de secretário geral.

E acertou.

Lourenço Peixinho serviu a cidade dos nossos dias, melhorando-a em numerosos pequenos detalhes, como naquele das escadas da Misericórdia e do frontespício dos Paços do Concelho, da mudança da cadeia e do arranjo do Tribunal, e dotando-a com depósitos de água e com marcos fontenários, lavadouros, retretes-publicas, electricidade, estações de bombeiros, biblioteca, cantinas escolares, mercado, projecto de abastecimento de águas, etc. etc.

E deixou-lhe três obras superiores que imortalisam o seu nome—um *Hospital* modelar no seu tempo e na sua categoria, obra que bem pouco dignamente se pretende escamotear à sua memória; um *Parque* soberbo que todos nos elogiam e muitos nos

Mudança de côr...

Não gostando a Câmara da côr-de-rosa vivo, tinta com que está pintada a fachada do *Café Trianon*, foram os seus proprietários intimados a fazer nova despesa, empregando, por isso, outra côr mais da sua predilecção.

Não louvamos a atitude da Câmara, visto serem os gostos relativos e a fachada estar decente e limpa, como tôda a gente tem constatado, honrando o local — a Avenida Dr. Lourenço Peixinho.

Numa terra onde há tantos *escarros* e tantas mazelas, melhor seria que a Câmara se ocupasse, de preferência, com a limpeza antes de implicar com as côres...

Assim é que era acertado.

Salvé!

Já se veem bacalhaus dependurados às portas das mercearias com o preço marcado de 13$50 o quilo.

E' a venda livre. A almejada venda livre. Repiquem os sinos. Atirem-se foguetes. Porque bacalhau, agora, temos. Só falta o azeite...

Falta de espaço

Aveiro, neste jornal, está em primeiro lugar, está acima de tudo. Por isso, dando largas aos artigos do dr. Alberto Souto, como não pode deixar de ser, é-nos impossível inserir os originais que temos de reserva e que não perdem a oportunidade.

Suficientemente explicada a demora, ficamos assim entendidos.

Feira de Março

Veio no domingo muita gente a Aveiro. Os combóios chegaram apinhados e todos os outros meios de transporte se puzeram em movimento para trazer os que não utilisam a via férrea.

A Feira deve terminar no dia 27 com um Concurso Pecuário promovido pela Câmara, estando já o programa do certamen em distribuição. Haverá importantes prémios. E aqui acaba o que tão mal principiado foi, em todo o sentido, sem que os homens possam isentar-se da responsabilidade que lhes cabe...

Dr. Afonso de Barros Miranda Simão

Acabam de nos informar que êste nosso patrício, distinto médico na capital, virá, em breve, dar consultas periódicas no nosso Hospital, na sua especialidade de otó-rino laringologia, a que proficientemente se tem dedicado e principalmente para proceder a operações de ouvidos, nariz e garganta.

A primeira visita terá lugar, segundo o nosso informador, nos próximos dias 27 e 28 do corrente.

Registamos a notícia com satisfação, pois além de podermos contar com mais um especialista e operador no nosso meio clínico, trata-se de um aveirense, filho de um velho e bom amigo nosso e da terra—António Felizardo—que durante alguns anos aqui desempenhou o cargo de Director da Alfândega, conquistando gerais simpatias e sólidas amisades.

Antecipados cumprimentos ao dr. Afonso de Barros Simão.

Atenção para a 4.ª página

invejam, e uma *Avenida central* que é a maior e melhor de quantas grandes artérias deste género se encontram nas cidades de província e que constitui só por si, uma grande obra de urbanização.

A avenida tem defeitos? Tem e eu já e sempre lh'os apontei. Se não fôsse êsse *senão* de Lourenço Peixinho, de, por vezes, *emperrar* e não ouvir ninguem, êle tinha evitado o grande defeito da sua avenida que é grandiosa e bela, mas que começa mal, num largosito acanhado, e que acaba mesquinhamente, num recinto trapezoidal de saídas esganadas.

Nesse ponto não me quiz êle ouvir, nem a mim nem à primeira Comissão de Turismo que adotou a minha ideia da praça circular ou poligonal no Cojo, donde se tirariam, na forma clássica de raios de estrêla, de que a Place de L'E'toile, de Paris, é o modelo, e a Rotunda, de Lisboa, e a Rotunda da Boa-Vista no Porto, são exemplos, todas as comunicações de ligação com os dois nucleos principais da cidade e com os pontos vitais do grande trânsito.

Eu não perdi nada por não se traçar ali a grande praça que preconizava, mas Aveiro perdeu, e perderá para sempre, se não remediar o êrro, o seu grande, novo e natural centro e nó de transito e de comércio, e Lourenço Peixinho, como muitas vezes lhe disse, deixou perder o brilho de um sumptuoso remate à sua obra capital.

Nem por isso a sua memória merece menos a gratidão de Aveiro, gratidão que lhe está sendo negada com dôr de consciência de muitos aveirenses sinceros e independentes, porque a avenida que hoje tem o seu nome, nem pelo defeito que lhe aponto, deixa de constituir a unica coisa boa, grande e moderna que possuimos em Aveiro em matéria de urbanização, podendo etiquetar-se, *mutatis mutandis* e na devida escala, com a obra de Rosa Araújo em Lisboa, com a de Dias da Silva, em Coimbra, com a de Elísio de Melo, no Porto.

Na sua realização, o ilustre presidente, lutou contra uma oposição cerrada, contra uma animosidade geral, contra a inércia e a mandria tradicionais e hostilisantes dos ambientes sornas e apaticos, contra críticas desbragadas e acintosas e contra inimigos pessoais e políticos desleais e implacáveis.

Mas a tudo superou a sua paixão de aveirense e a sua vibração renovadora e, desajudado de tecnicos e de recursos, deu a Aveiro a espinha dorsal que lhe faltava para se erguer do chão em que ia a rastejar.

E aí temos essa realidade, essa formidável realidade, que, no meu conceito de urbanização do meio, deve ser a base de apoio de todo o novo dispositivo, pois que:

—pelo norte e poente se nos apresentam as marinhas e os esteiros da Ria;

—pelo nascente, limita-nos a linha férrea;

—convergindo no términus da Avenida, quási se tocam os dois núcleos concentrados da cidade antiga;

—de permeio estende-se o canal;

—o desnível e a disposição das ruas e do casario antigo (e que seria da maior imprudência deslocar sem estar construida uma nova cidade) impedem as amplas ligações que seriam necessárias entre o fim da Avenida e as duas metades da cidade velha, cidade esta que é a que existe e sem a qual Aveiro não é Aveiro.

* * *

Que fazer, então?

Com base na Avenida actual, traçar um grande triângulo ou outro qualquer polígono de avenidas sobre os terrenos vagos ou de inferiores e menos valiosas construções, nessas terras de lavradio, nesses terrenos rústicos e desaproveitados *como cidade*, que se encontram na área da cidade, entre o Cojo, as Pombas ou o Passo de Nível de S. Bernardo e a Estação do Caminho de Ferro.

Partiria do final da *Avenida Lourenço Peixinho* para as Olarias, passando entre a Sé e a Igreja de Jesus, uma avenida ou boa e ampla rua, bem calculada nos seus elementos de directriz, largura e declive.

Entre S. Tomaz, Olarias, S. Martinho, Guardas, onde os técnicos melhor determinassem, ficaria uma vasta rotunda sobre a qual convergiriam, por uma avenida afluente, as duas estradas do sul, de comunicação com Coimbra, Bairrada, Ilhavo, Vagos, Mira, Cantanhede, Figueira e Lisboa.

Ali perto o novo Liceu, igualmente distante de todos os pontos extremos da cidade e da estação do Caminho de Ferro e da estação de Camionagem, que é uma necessidade projectar-se e construir-se.

Dessa rotunda, outra avenida partiria a encontrar a *Avenida Lourenço Peixinho* em qualquer ponto mais próximo possível da Estação do Caminho de Ferro, onde deveria desenhar-se uma outra boa praça em local que a engenharia da especialidade julgasse como adequado.

Este seria o dispositivo fundamental da nova urbanização. Os traçados intercalares e consequentes, os detalhes e a realização do plano saem do ambito desta minha teoria geral que não é invenção de génio, porque eu não possuo génio nem é preciso génio para vêr isto, mas ideia sugerida pelo estudo muito atento da topografia do terreno e dos bem patentes elementos essenciais do problema. E o problema é a adaptação de Aveiro, tal como existe na sua posição geográfica e na disposição das suas ruas e casas, às formas que se espera que sejam as formas do morar e do viver do próximo futuro, contando com o desenvolvimento progressivo da cidade, baseado, principalmente, na sua economia marítima.

Continuarei.

Energia electrica

Tem faltado ultimamente na cidade, ao domingo, do lado da manhã e até às primeiras horas da tarde o que, além de causar transtornos, impossibilita aqueles que possuem aparelhos de rádio de ouvirem as emissoras.

Como isto não tem justificação, visto a dois passos não se dar tal facto—na Gafanha e Ilhavo—pedimos providências em nome dos interessados para não ficarmos em plano inferior àquelas duas localidades.

GALIZA FOLCLÓRICA

Chega hoje, às 17 horas, um grupo folclórico espanhol da cidade de Vigo, que vem exibir as suas danças e cantares no recinto da Feira, como no ultimo número dissemos. E' constituido por guapas e salerosas raparigas, trajando as garridas indomentárias galegas, cheias de côr e encanto, pelo que lhe auguramos um sucesso sem igual.

Vão ouvir-se os *panderos* e *tamboris*, tão característicos e tradicionais da linda região e essa circunstância faz-nos avivar recordações que ainda hoje perduram do tempo em que por lá andamos a apreciar a desenvoltura, a graça e a alegria das suas mulheres.

La Guardia, Vigo, Pontevedra...
Que saudades! Que saudades!
Bem-vindo o rancho da Galiza!

Ao serviço de quem?

Já tardava que não fôssem cumpridas as instruções de quem orienta o movimento mundial revolucionário. Há muito que entre nós nada havia a justificar o trabalho de propaganda clandestina que é pago pelo fundo do «Socorro vermelho» e que têm por objectivo fomentar o desassossego nos países que não querem ser bolchevisados.

Até que surgiu uma pretensa greve num dos sectores do trabalho da capital: —nos estaleiros das construções navais.

Os nossos leitores conhecem o caso pelo que foi noticiado, mas ignoram, certamente, os motivos verdadeiros da pretensa greve.

Aumento de salário? Melhoria de condições de vida? Nada disso! O caso é outro, muito diferente.

Nenhuma outra classe está tão bem paga como a dos estaleiros onde se manifestou a pretensa greve. Mercê da sua especialidade, teve sempre, mesmo nos momentos de maior crise, durante a guerra, trabalho normal e extraordinário. Quando um outro operário especializado ganhava pouco mais de vinte escudos, já o das construções navais tirava a féria semanal de 400 escudos. E agora há operário que ganha semanalmente 600 escudos. Não foi o pouco salário que levou alguns operários das construções navais dos estaleiros da capital a...não trabalhar. Foi precisamente o não precisar de receber a féria uma semana ou duas que o levou a fomentar a paralização.

Os orientadores do movimento revolucionário mundial sabem disto. A sua acção só pode ser acolhida em dois sectores:—no de salários elevados ou no de salários muito baixos. Nos primeiros, por encontrar ambiente aos seus fins políticos entre os trabalhadores que podem estar em greve umas semanas; nos segundos, com a especulação de que só com as greves poderão obter aumento de vencimento.

E' assim em tôda a parte. Na América do Norte as greves têm sido possiveis nos meios mais bem pagos, os mineiros, por exemplo.

Nos países onde os salários não são baixos, a ponto de se considerarem exploração do trabalho, e onde as providências de caracter social vão indo ao encontro das necessidades do operário, atenuando de certo modo a crise originada pelo custo da vida, é difícil a greve como meio de conquista social.

Faz-se então a propaganda nos centros de trabalho mais bem pago, onde o operário deixou de ser vítima do capital, onde pode adquirir o que nem sempre é possível aos que estão agrupados na classe média.

E' isso o que acontece com o operário das construções navais em Lisboa. Ele é hoje quem ganha para fazer a vida que não é permitida ao funcionalismo civil e militar.

Por isso esta pretensa greve é descaradamente uma atitude política. E como tal não pode o Govêrno transigir, tanto mais que não se trata de uma reivindicação dos trabalhadores nem de um conflito com o capital.

Noutros tempos os operários das construções navais em Lisboa nada tinham que os defendesse. Foi nesta situação que se lhe deram condições de vida económica e profissional que os colocou quási na posição de classe previligiada. Foi a construção dos estaleiros e consequentemente a construção de navios que os arrancou à exploração do capital. Eles mesmo foram quem isso agradeceu ao Govêrno.

Por que vem agora a pretensa greve e as pretenças reclamações de ordem económica? Por que assim lhe foi ordenado pelos mentores da desordem social. Pois têm de ser tratados como agitadores—e nada mais.

Mas se isto tem êste aspecto político, pregunta-se: é legítimo tratar os agitadores de maneira a considerá-los como vítimas do trabalho? Não, não é! Têm de ser considerados elementos políticos, ao serviço de uma causa que não é nacional.

Defenda-se o trabalhador, proteja-se o trabalho, mas não se confunda trabalho ou trabalhador com desordeiros e agentes comunistas.

Com a mesma sinceridade que pedimos protecção para quem ganha o pão de cada dia na fábrica ou na oficina, exigimos castigo para quem fomenta a desordem ou a revolta social.

E é por isso que todos temos o dever de apoiar o Govêrno neste momento em que por todo o mundo se prefere limitar a paz com uma guerra mais grave do que aquela que acabou:—com a guerra civil, com a luta de classes.

T. V.

Notas Mundanas

Aniversários

Fez anos, no dia 12, o sr. Neftali Duarte; hoje fá-los o comerciante sr. António Osório e as meninas Maria Manuela e Livinha, filhas, respectivamente, dos srs. tenente Natividade e Silva e Raul da Silva Cascais, residente em Lisboa; amanhã, as srs.as D. Maria Benedita Pereira de Oliveira, D. Isabel Maria de Lima Campos, filha do sr. capitão António Campos, e D. Eva de Paula de Jesus, esposa do sargento sr. Albino de Jesus, e os srs. José Vieira e José Madail; em 21, os srs. Jaime Figueiredo e António Carvalho da Silva, escriturário da Direcção de Estradas; em 22, a interessante Maria Luisa de Rezende Godinho, filha do sr. José Lopes Godinho, professor em S. Martinho da Gandara (O. de Azemeis); em 23, o sr. Carlos Júlio Rodrigues e em 24, a menina Maria Soares da Silva e o sr. Carlos Rodrigues de Freitas, de Requeixo.

Gente nova

Em Verdemilho deu à luz uma criança do sexo feminino a esposa do sr. José Rodrigues Madail, funcionário da Direcção dos Serviços Pecuários desta cidade.

—Em Naugatuck Conn (América do Norte, também teve uma menina, que foi baptizada com o nome de Rosa Maria, a nossa conterrânea sr.a D. Maria Augusta da Costa Picado Moniz, esposa do sr. José de Almeida Moniz, ali residentes.

Um futuro risonho desejamos ás recem-nascidas.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. Artur José Pinto Júnior, sua esposa sr.a D. Maria da Luz M. Lima Pinto e cunhados srs. Fausto e Angelo Lima, residentes no Porto; Duarte Bolhão, aspirante de Finanças em Albergaria-a-Velha; tenente Manuel Nogueira Santana e José Larangeira Marques, actualmente em Macieira de Cambra; Manuel Gouveia e seu filho dr. Amilcar Gouveia, residentes em Coimbra, e José Rabumba, em Matosinhos.

—Regressou do estrangeiro, tendo visitado Paris e a região do champagne, onde foi adquirir conhecimentos para a sua indústria, o nosso amigo Virgílio de Oliveira, sócio-gerente das caves do Barrocão, de Sangalhos.

Abraçámo-lo.

—Regressou ao Congo Belga com sua esposa e filhos depois de ter passado alguns meses em Aveiro, a cujo concelho pertence, o sr. Amândio Nunes de Matos.

Boa viagem e felicidades.

Doentes

Foi acometido, no domingo, de doença grave o nosso velho amigo João Vieira da Cunha, proprietário da livraria que tem o seu nome.

O seu estado inspira cuidados, o que sentimos.

—Também recolheram à cama, com a saúde abalada, a esposa do sr. Vitor Guimarães e o sr. Manuel Tavares de Sousa.

Desejamos as melhoras de ambos.

IMPRENSA

Gazeta de Coimbra

Pela morte do seu director, João Ribeiro Arrobas, está de luto êste colega, ao qual acompanhamos, com sentimento, no doloroso transe.

Liga Portuguesa de Profilaxia da Cegueira

Acaba de ser nomeado delegado desta Liga no nosso distrito, onde presidirá à respectiva Comissão, o médico oftalmologista e nosso presado amigo, sr. dr. Costa Candal.

Eis os fins da instituição:

1.º—Empreender o estudo das causas directas ou indirectas da cegueira ou enfraquecimento da visão;

2.º—Propor e promover a execução de medidas tendentes ao desaparecimento dessas causas;

3.º—Difundir por todos os meios os conhecimentos uteis à conservação da visão e ocupar-se de tudo o mais conducente a êste fim.

Para a sua realização, há necessidade de colaboradores, visto tratar-se duma Instituição de iniciativa particular. Por isso, todas as pessoas de boa vontade a quem se torne simpática e desejem inscrever-se como sócios da Liga podem dirigir-se àquele considerado clínico que prestará todos os esclarecimentos.

Pelo Funcionalismo

Transferido de Portalegre foi aqui colocado como chefe da Secção de Finanças o sr. Custódio dos Santos, tendo à posse, que se efectuou segunda-feira, assistido, além do pessoal da repartição, amigos e conterrâneos daquele funcionário, que é natural de Vale de Cambra.

Ao novo chefe, que já em tempos prestou serviço em Aveiro, apresentamos cumprimentos.

* * *

Num concurso para Director ficou aprovado o sr. José Coelho de Albuquerque Fortes, que já aqui desempenhou aquelas funções.

"Cortinas,, do cais

Estão a ser devidamente reparadas e caiadas, como era preciso, não consentindo os rigores do Inverno que esse serviço fôsse executado há mais tempo como a Junta Autónoma da Barra e Ria determinara.

Tê-lo-hemos, porém, concluido dentro em breve.

A bola

Por causa de um encontro ultimamente realisado em Espinho entre dois agrupamentos de futebol, em que o de cá fôra maltratado logo à chegada, pretendeu se envolver a família Casal, que à nossa Feira concorre todos os anos com o seu *pavilhão das farturas à moda de Lisboa* e se tem imposto sempre ao respeito, só adquirindo simpatias e até amisades, o que não está certo. A bola, pelo que se nota, é um jogo capaz de levar os que por êle se apaixonam, aos ultimos exageros, como se tem observado. Nada se respeita. E nesse caso só vendo poderíamos acreditar no que aí se propalou sôbre a intervenção dessa família no recente caso de Espinho a que, por alto, aludimos no ultimo número.

Se fôssemos a acreditar em tudo quanto se diz e afirma por obsecação, estavamos bem arranjados... A bola não nos interessa. Mas quando se dão cênas vergonhosas, impróprias de gente educada, não deixaremos nunca de reprovar essas atitudes.

Nós somos assim.

EMBIRRAÇÃO!...

Um jornal de Lisboa quer à fina fôrça—mas que ideia!—que se bote abaixo a estátua do Marquês de Pombal! Todavia o município pensa —e muito bem—que a deve iluminar durante as festas que vão ter começo no próximo mez.

Apre, que já é embirrar com o José Sebastião!...

ULTRA

MAIS DO QUE UM RÁDIO · UM ENCANTO!

Agente distrital: — **Pompeu Alvarenga** — Rua da Fábrica, 4 — AVEIRO

Dr. Cunha Vaz

MÉDICO ESPECIALIZADO EM DOENÇAS DOS OLHOS

CONSULTAS—Em Aveiro, todas as sextas-feiras, no *Hospital da Misericórdia*, das 13 às 15,30 horas e em Coimbra, todos os dias na Rua Visconde da Luz, 8-2.º, das 10,30 horas em diante.

Prédio

Vende-se o da Rua dos Combatentes da G. Guerra, n.os 68, 70 e 72, tendo servidão pela Rua Gustavo Pinto Basto, 37. Dirigir a José Ferreira Mortágua — AVEIRO.

Uma recém-casada encantadora conta

...Como a Beleza faz a Felicidade

"Eu bem experimentava dansar o mais possivel, mas nenhum homem me distinguia — até ao dia em que uma amiga mais jovem me fez compreender o efeito que produz nos homens a vista duma pele macia e transparente."

Para adoçar a epiderme e dar-lhe em alguns dias a frescura transparente da adolescencia, empregue a senhora também o Creme de beleza "oleo-lacteo", o Creme Tokalon Branco, por sua vez untuoso e ligeiro, tão untuoso que conserva o pó 8 horas, mesmo em pleno vento, e tão ligeiro que desaparece literalmente nos poros para "se fundir" com a pele em lugar de a "maquiller". Eis porque o Creme Tokalon Branco consegue, como nenhum outro, amaciar a epiderme — *sem que se sinta sobre o rosto* — e aveludar a tez com um matizado perfeitamente natural — *sem que se possa dar por isso.* Enfim, a emulsão oleo-lactea do Creme Tokalon Branco tem a propriedade de dissolver e evacuar as impurezas da epiderme, ao mesmo tempo que as células da pele morta, de tal modo que alguns dias são suficientes para adoçar a tez. O grão de pele torna-se admirávelmente mais fino, mais unido, os poros dilatados comprimem-se, os pontos negros são expulsos; a tez recupera a frescura transparente da adolescência. De dia, empregue o Creme Tokalon Branco. Além disso, antes de se deitar, empregue todas as noites o Creme Tokalon Cor-de-rosa e a senhora despertará cada manhã com a tez mais jovem! Isto não é um milagre: é a acção benfeitora do "biocel", o alimento fisiológico da própria célula cutânea, verdadeiro elixir de juventude descoberto pelo Dr. Stejskal, da Universidade de Viena, e contido no Creme Tokalon Cor-de-rosa.

NECROLOGIA

Finou-se no Hospital o sr. Francisco de Sousa Maia, chefe de conservação de Estradas, aposentado e cujo cadáver foi ante-ontem a enterrar no cemitério central.

Era solteiro, tio da sr.ª dr.ª D. Jovita de Carvalho, médica em Ponte de Sôr, e do sr. Rui de Carvalho, e contava 65 anos.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Brigida Rosa Amaro, viúva, de 89 anos; Maria da Luz de Oliveira Mateus, de 22, casada com António Leite da Costa e João Gonçalves Maio, casado, de 81, pai do sr. Roque Maio; em *Esgueira*, Joaquim Gonçalves Saltão, viúvo de 80; no *Solposto*, João de Oliveira Júnior, viúvo, de 92 e em *Vilar*, Rosa da Silva Martins, de 21, filha de António Martins.

Casa, vende-se

na Rua Almirante Reis n.os 55 e 57 A com entrada pela Rua do Canto e próximo à estação do caminho de ferro.

Tem rez do chão com duas lojas, 1.º e 2.º andar com quatro habitações, dá um bom rendimento e é uma das melhores construções da cidade.

Tratar com Manuel Alves Dias, na Rua Viana do Castelo, ou com o seu proprietário Manuel José Carinha, na Murtosa.

Trespassa-se

o armazem de vendas de sal, por junto e a retalho, pertencente à viúva de João Maria Moreira, próximo à Ponte da Dobadoura. Serve para qualquer ramo de negócio. Tratar no mesmo.

Quintal ou terreno

Pretende-se alugar dentro da cidade ou arredores, que seja murado.
Nesta Redacção se informa.

Pequena encomenda

Perdeu-se, com peças de moto, desde a Praça Marquês de Pombal a Aradas.
Pede-se para a entregar nesta Redacção.

Terra Aluga-se. Falar na Rua de Santo António, 62.

Casa em Esgueira

Aluga-se com 9 divisões, quintal, poço, etc. Tratar com José F. Mortágua—AVEIRO.

Professora

para o ensino primário, precisa-se em colégio duma vila do distrito. Exigem-se habilitações. Esta Redacção informa.

SR. LAVRADOR!

Uma BOA colheita só se consegue com um BOM adubo

Um bom adubo — ADUBEX

Não desespere pelo baixo número de sementes que tem obtido nas suas culturas

Revalorise as suas terras com ADUBEX

Os nossos adubos contem em bem estudadas proporções todos os elementos fertilizantes necessários à alimentação da complexa microflora que habita na terra arável e que tanta influência tem na produção agricola

Fórmulas especialmente estudadas para BATATA—MILHO—TRIGO—VINHA—ETC.

Peçam informações aos distribuidores

LAU & FILHOS, SUC. L.DA
(Telefone 81) AVEIRO (Apartado 20)

Aos anunciantes de "O Democrata,,

A quem tiver de anunciar nas colunas deste jornal roga-se a fineza de enviar à Redacção os respectivos originais, o mais tardar até ao meio dia de quinta-feira, a-fim-de evitar atrazos na sua confecção, visto ter horas certas de entrar na máquina e de ser enviado, depois de impresso, para o correio.

Atenção, pois, srs. anunciantes!

Clínica Médica e Cirúrgica
Dr. Humberto Leitão
Praça do Comércio, 11-1.º
AOS ARCOS
Telefone 114
Consultas das 16 às 19 horas

Doenças dos olhos
Operações
Artur S. Dias
MÉDICO
Consultas todos os dias úteis das 10 às 17 horas
PRAÇA Dr. MELO FREITAS
Telefone 235
AVEIRO

Armas e Munições
Para caça e defesa cartuchos carregados e vasios de todos os calibres.
A «Crisólita»
de MANUEL AUGUSTO VELHO
R. Combatentes G. Guerra, 64
Telefone 241 — AVEIRO

Capital
Empréstimos hipotecários
Trata:
PENNA PERALTA
Solicitador encartado
Trav. da Câmara Municipal, 3—1.º
AVEIRO

Atenção para a 4.ª página

Teatro Aveirense
CINEMA SONORO

Sábado, 19 de Abril (às 21,30 h.)
Domingo, 20 (às 15,30 e 21,30 h.)
A Casa encantada

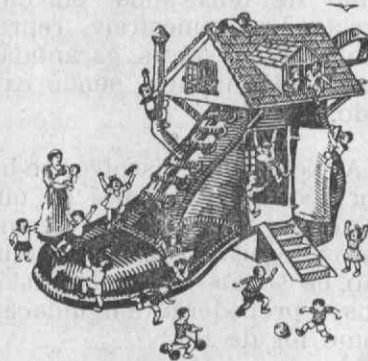
Quarta-feira, 23 (às 21,30 h.)
Quinta-feira, 24 (às 15,30 e 21,30 h.)
Chopin imortal

Em 19:
Os Sinos de Santa Maria

Casa de pasto

com secção de vinhos, bem localisada, trespassa-se. Nesta Redacção se informa.

OFICINAS MECANICAS
SERRAÇÃO E CARPINTARIA
(Estância de madeiras)
Morgado & Pinho, L.DA
ESGUEIRA (Areais) AVEIRO
ENVIAM-SE ORÇAMENTOS GRÁTIS

PROFILEX-RAMAX

Era uma vez uma velha que vivia numa bota e tinha tantos filhos que não sabia o que fazer-lhes quando choravam... Até que um dia pessoa amiga lhe disse: certamente os pequenos choram porque têm bichos na cabeça! Deite-lhe *Propilex-Ramax* que mata estantaneamente todos os insectos do corpo. A velhota assim fez e hoje os filhos crescem alegres e contentes.

A' venda nas boas casas e no depositário geral
Farmácia Morais Calado
(Telefone n.º 149)

ARMAZÉM

Arrenda-se no Largo da Estação. Dirigir à Rua João de Moura, n.os 29 e 31.

Caixeiro

Precisa-se para padaria com idade entre 16 e 18 anos.
Falar na Companhia Aveirense de Moagens.

Trespassa-se

casa de frutas com 2 dependencias, num dos melhores pontos da cidade, adaptável a qualquer ramo de negócio. Nesta Redacção se informa.

Empregado

Com alguma prática de comércio, precisa-se. Idade 22 anos.
Nesta Redacção se informa.

António Alla
Engenheiro civil
Aos sábados: R. Alm. Reis, 125 - AVEIRO

Terreno

Vende-se na Rua da Granja. Tratar com Manuel de Lemos, Rua Dr. Edmundo Machado, 29—AVEIRO.

Pedra, saibro e granito para construções
Fornece vantajosamente
António Joaquim de Pinho
Largo do Cruzeiro
Esgueira — Aveiro

Vitafoska
é um adubo rico para batata e cereais

DR. JOAQUIM HENRIQUES
MÉDICO
Consultas às segundas, quartas e sextas-feiras — *das 16 às 18 horas*
PRAÇA DO COMÉRCIO
(Aos Arcos)
AVEIRO

Artibus, Limitada

Por escritura pública de 11 de Abril do corrente ano, lavrada nas notas do notário desta cidade, Dr. Adelino Simão Leal, foi constituida uma sociedade por cótas de responsabilidade limitada, entre os senhores Hernani Henriques Salgueiro, José Maria Vilarinho e Carlos Alberto Pinto da Mota, nos termos e sob as cláusulas constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação *Artibus, L.da*, e tem a sua séde nesta cidade.

2.º

O seu objecto é o comércio e indústria de esmaltes e cerâmica.

3.º

A sua duração será por tempo indeterminado, a contar da data do seu início—1 de Janeiro de 1947.

4.º

Por simples deliberação da Assembleia Geral, poderá:

a)—Ser mudada a séde social e seu domicílio;

b)—Serem criadas filiais e sucursais;

c)—Ocupar-se doutro ramo de comércio ou indústria.

5.º

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 400.000$00, e está representado pelas seguintes cótas:

Hernani Henriques Salgueiro	**150.000$00**
José Maria Vilarinho . .	**150.000$00**
Carlos Alberto Pinto da Mota	**100.000$00**

§ *único:*—O sócio Carlos Alberto Pinto da Mota poderá, em qualquer altura, elevar o montante da respectiva cóta até perfazer cóta igual à dos restantes sócios.

6.º

O sócio Carlos Alberto Pinto da Mota obriga-se a dedicar tôda a sua actividade exclusivamente aos serviços da Sociedade, e a transferir para a mesma a propriedade e registo do alvará, logo que lhe seja concedido, para o exercício das indústrias referidas na presente escritura, e bem assim todas as fórmulas que possue, ou venha a possuir enquanto sócio fôr, as quais digam directa ou indirectamente respeito às mesmas indústrias, sob pena de perder os seus direitos de gerência a favor dos outros sócios e responder, além disso, por perdas e danos, que serão garantidos pelo valor da sua cóta.

7.º

Não serão exigiveis prestações suplementares de capital; porém, os sócios poderão fazer à caixa social os suprimentos de que a mesma carecer, mediante condições a fixar em acta.

8.º

A cessão total ou parcial de cótas só poderá ser efectuada entre os sócios e não carece de fundamento ou formalidade prévia. Ficam, porém, desde já, os sócios autorizados a cederem aos seus descendentes ou irmãos parte das suas cótas.

§ *único*—No caso de todos os sócios preferirem uma cóta oferecida, será esta rateada proporcionalmente entre os pretendentes.

9.º

A administração e gerência da sociedade, seus negócios e sua representação em juizo e fora dele, activa e passivamente, serão exercidas por todos os sócios que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução, ficando somente a cargo d sócio Carlos Alberto Pinto da Mota a gerência tecnica.

§ *único*—A remuneração mensal do gerente tecnico será fixada anualmente na Assembleia Geral ordinária.

10.º

Para que a sociedade fique obrigada torna-se necessário que os respectivos documentos sejam firmados por dois dos gerentes.

§ *1.º*—Os documentos de mero expediente poderão ser assinados por qualquer dos gerentes.

§ *2.º*—E' expressamente prohibido aos gerentes usar a denominação social em actos e contractos que não digam respeito aos negócios da Sociedade. Os avales, fianças, assinaturas de favor e respectivos actos e contractos dados ou praticados em contrário à pro hibição estabelecida, serão considerados fora dos limites expressos no mandatoe nos termos legais, nulos em relação à sociedade.

11.º

O ano social é o ano civil. Os balanços fechar se-ão a 31 de Dezembro de cada ano e deverão estar assinados, no respectivo livro, até 30 de Março seguinte.

12.º

Dos lucros líquidos apurados em cada balanço destinar-se-há:

a)—5 por cento, pelo menos, para fundo de reserva legal, enquanto êste não estiver realizado e sempre que fôr preciso reintegrá-lo;

b)—As quantias que forem fixadas em reunião de sócios para formação ou reintegração de reservas especiais e quaisquer outros destinos aprovados em assembleia.

13.º

Nos casos de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, os respectivos herdeiros, ou representante legal, têm direito a ficar na sociedade, com os mesmos direitos e obrigações do falecido ou interdito, sendo os herdeiros representados só por um, à sua escolha. Se os ditos herdeiros ou representante legal não quizerem ficar na sociedade, receberão tudo o que se apurar pertencer-lhes, pela forma seguinte;

a)—Quanto à cóta de capital, pelo valor atribuido no último balanço ou pelo valor nominal na falta de tal atribuição;

b)—Quanto ao fundo de reserva, suprimentos e outros créditos, pelo que constar das respectivas contas;

c)—E quanto a lucros, serão estes calculados pelos do ano social anterior em relação ao tempo decorrido desde a data do balanço desse ano até à da morte ou interdição. O pagamento seá feito no praso máximo de dois anos, em oito prestações trimestrais, representadas em letras, garantidas com fiador idóneo, sendo exigido.

14.º

A sociedade dissolver-se-há por acordo da maioria do número de sócios e nos demais casos legais. Dada a dissolução, os sócios serão liquidatários e procederão à liquidação como fôr de Lei.

15.º

As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, com aviso de recepção, das quais conste o objecto da reunião, e escritas com antecedência de oito dias, salvo em casos especiais da Lei. Serão, todavia, válidas as decisões tomadas por todos os sócios, independentemente da forma de convocação.

16.º

Nos casos omissos observar-se-hão as deliberações tomadas pela maioria do capital e as disposições legais aplicáveis.

Aveiro, Secretaria Notarial, 15 de Abril de 1947.

O Ajudante da Secretaria Notarial,

Raul Ferreira de Andrade

Comarca de Aveiro

Interdição por prodigalidade

ANUNCIO

2.ª PUBLICAÇÃO

No primeiro Tribunal da comarca de Aveiro está a correr seus termos uma acção de interdição por prodigalidade em que são requerentes David dos Santos Carrancho e mulher Maria de Lourdes Pereira, êle trabalhador e ela doméstica, do lugar e freguesia de Aradas e é requerida Rosa dos Santos Carrancho, viúva, doméstica, do lugar de Quintans, freguesia da Oliveirinha, ambos desta comarca, o que se anuncia para os devidos efeitos.

Aveiro, 25 de Março de 1947.

Verifiquei:

O Juiz de Direito do 1.º Tribunal

António Gurgo

O Chefe de Secção

António Augusto dos Santos Victor

Casa do Povo de Esgueira

CONCURSO MÉDICO

A Direcção da Casa do Povo de Esgueira faz público que se encontra aberto concurso até 10 de Abril p. f. para preenchimento do lugar de médico privativo do mesmo organismo.

As condições-base encontram-se patentes na séde da referida Casa do Povo.

Esgueira, 8 de Março de 1947.

A DIRECÇÃO

Comarca de Aveiro

Éditos de 70 dias

1.ª publicação

Pelo 1.º Tribunal da comarca de Aveiro e 2.ª secção correm éditos de 70 dias, a contar da segunda e última publicação dêste anúncio, citando o réu José Maria dos Santos, agricultor, ausente em parte incerta da República do Brasil, mas com último domicílio na Gafanha da Vagueira, freguesia de Vagos, desta comarca, para, no prazo de 10 dias, findo que seja o dos éditos, contestar, querendo, a acção sumária que lhe move e a sua mulher o autor Ernesto Rodrigues Vieira, casado, comerciante, desta cidade, sob pena de, não o fazendo, ser definitivamente condenado no pedido feito pelo dito autor ou seja no pagamento do saldo de mercadorias que forneceu aos mencionados réus, na importância de 4.931$55, com as consequências legais.

Aveiro, 12 de Abril de 1947.

Verifiquei:

O juiz de Direito do 1.º Tribunal,

António Gurgo

O Chefe da 1.ª Secção do 2.º Tribunal,

António Augusto dos Santos Vitor